

União Figueirense
ORGÃO
do
CENTRO DEMOCRÁTICO
D. AFFONSO COSTA

Redactor—José Miguel F. David

Propriedade da empresa União Figueirense

Sob a direcção das commissões políticas do
Partido Republicano Portuguez
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO
NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

EDITOR—Manoel Henriques

ASSINATURAS
Portugal e colonias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00
Número avulso, \$03. Anuncios, preço convencional
Tiragem 1:000 exemplares
Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

Restauração monarquica? ...

A medida que o tempo vai passando mais nos convencemos que a actual situação politica entrou na sua fase aguda, que constitue um bêco sem saída.

Os factos, que dia a dia se sucedem, são de molde a desfazer as ilusões que os espiritos mais optimistas porventura possam acalentar.

O governo, n'uma desorientação dementada e perigosa, para satisfazer as suas desmedidas ambições e assegurar o poder, persiste obstinadamente em manter a politica de represalias e de odios, que o isolou da opinião republicana e que fatalmente ha de sepultá-lo nas ruínas que por suas proprias mãos está cavando.

Se não houver o bom senso de se mudar immediatamente de processos, acabando-se de vez e para sempre com as odiosas perseguições que se vêm fazendo, de forma que a todos se dêm garantias de poderem livremente colaborar na vida nacional, não virá longe o tempo em que os dirigentes d'esta intolerável situação sofram as consequências dos seus erros e desvarios.

O maior mal, porém, é que essas consequências podem atingir qualquer coisa de mais alto do que a vida do governo—são as proprias instituições republicanas que correm perigo eminente.

Poderá ainda haver nesta terra alguem tão destituído de previsão que não alcance os perigos que assustadoramente se acumulam, tornando certo o desastre que se aproxima?

Quem, concentrando um pouco o espirito, fixar um exame refletido e desapassionado dos acontecimentos não pode ter duvidas nas ilações que d'elles resultam necessariamente.

N'um momento em que o paiz carecia da cooperação intelligente e desinteressada de todos os patriotas, para que os nossos compromissos internacionaes podessem ser conduzidos a bom termo, honrando-os em todos os seus aspectos, e ao mesmo tempo se podesse cuidar a serio dos variados e importantes problemas de ordem interna, fez-se uma revolução que podia lançar-nos na mais perigosa anarquia, atirando-nos para a guerra civil.

Para que esta terra se visse envolvida n'uma lucta formidável, que a cobriria de sangue e poria

em grave risco a propria nacionalidade, bastava que a resistencia se tivesse prolongado por mais uns dias.

Sob este ponto de vista a revolução foi um crime monstruoso, que a Historia registará implacavelmente nas suas paginas.

Triunfante o movimento revolucionario, apontam-se, sim, os erros que porventura houvessem sido praticados, para se lhes dar remedio e evita-los no futuro, mas fizesse-se igualmente justiça áqueles que á Patria prestaram relevantes serviços, rendendo-se ás suas intenções a merecida homenagem.

Assim se prestigiaram os homens e se dignificaria o regimen.

Em vez d'isso, porém, para se dar plena satisfação aos inimigos das instituições e no illusorio convencimento de ser possível aniquilarem-se os dois partidos a que a Republica incontestavelmente deve a sua existencia, o governo tem feito uma politica crivada de odios, descendo-se ás ultimas baixesas para estabelecer a atmosfera de suspeições que ha dois mezes vem pesando sobre este paiz.

Segundo as suas reiteradas declarações, o principal objectivo d'esta situação é estabelecer a paz entre a familia portugueza, acabando com as paixões que a dividem e integrando na Republica os elementos conservadores.

Se fosse possível fazer-se com que os monarchicos, aceitando o regimen republicano, cooperassem leal e sinceramente na vida nacional, não haveria ninguem que não prestasse a essa politica franco e decidido apoio.

Mas, se eles, em face das humilhantes transigencias do governo, são os proprios a declarar que não querem confusões com as turbas republicanas, não se fartando de clamar que o regimen caiu em completa falencia, como se podem ter ilusões sobre os seus propositos, que são evidentemente a restauração monarchica?

Conhedores das graves e profundas dissensões em que o governo lançou a familia republicana e que eles, arvorados em orientadores e protetores da situação, por todos os modos alimentam, convenceram-se de que

os republicanos estão irremediavelmente perdidos e a Republica definitivamente liquidada.

Permitindo-se-lhes—como se tem permitido—que tripudiem miseravelmente sobre os vencidos de ontem, associando-lhes as mais baixas e vis calunias e incitando o governo a toda a casta de perseguições, a apregoadá reconciliação da familia portugueza não passa d'uma utopia, que pode acarretar desgraçadas consequências.

Odiando acima de tudo a Republica, como superabundantemente tem provado, a sua tatica consiste em preparar uma atmosfera propicia a um movimento revolucionario, que atire com tudo isto a terra.

Nunca, como agora, o meio se mostrou tão favoravel á realisação d'esses designios.

O desvaireamento com que se atacam os republicanos mais eminentes, pretendendo-se cobri-los de lama e ultrajando-os na sua honra, criou um estado de profunda revolta contra o governo, que está comprometendo seriamente a vida da nação.

Em successivas notas officiosas levantou as mais graves acusações contra homens publicos a quem o regimen deve altissimos serviços, e, sabendo que não podia apresentar as provas d'essas arguições, poz os acusados a ferros, e sob rigorosa incomunicabilidade, para que não podessem articular uma palavra em sua defesa!

Foi unicamente este revoltante procedimento que tornou possível a miseravel campanha de calunia, que os monarchicos por todos os modos vêm sustentando.

Assim se creou, entre a familia republicana, uma situação que se nos affigura irreductivel.

Ha agravos que nunca podem esquecer-se.

Na ancia de aniquilar os fortes agrupamentos republicanos, para de qualquer modo assegurar o poder, procurou o governo apoiar-se no campo inimigo, entregando cargos da maior responsabilidade e da exclusiva confiança do regimen áqueles que nunca perderam occasião de o hostilizar, e que amanhã ha de fatalmente atraiçoa-lo.

Jamais n'este paiz se assistiu a uma tal prova de incapacidade politica!

Emquanto assim somos cegamente conduzidos para uma aventura de funestas consequências, a fome alastra assustadoramente sem que das altas regiões do poder saia uma medida de largo alcance, que torne possível a vida aos desprotegidos da fortuna.

A'manhã, se este povo, que tem sofrido com extraordinaria resignação os maiores infortunios, se convencer de que não ha o cuidado de procurar remedio para esta situação de extrema miseria em que está vivendo e se a fome—que não tem lei—radicar a descrença que desorienta os espiritos e as consciencias, não haverá forças humanas que possam deter a onda de revolta, que será a consequencia fatal de um tal estado.

O quadro que temos deante de nós apresenta-se-nos carregado das cores mais sombrias.

Se os dirigentes dos destinos d'este malfadado paiz não se convencerem desde já que têm de procurar o seu firme apoio no campo republicano, pondo immediatamente termo ás odiosas perseguições que vêm fazendo, de maneira que todos possam unir-se na mesma comunhão de idéas, animados do ardente desejo de salvarem a Republica neste transe doloroso, a restauração monarchica será em breve um facto consumado, como resultado logico e fatal dos seus desvarios.

Miguel Alexandre Alves Correia

Fernando A. Soares

Com sua ex.^{ma} esposa e afilhada D. Maria Trindade Abreu, já regressou a sua casa na Figueirada Foz, o nosso illustre amigo, sr. Fernando Augusto Soares, que esteve algum tempo em Coimbra, junto de sua ex.^{ma} esposa que ali foi sujeita a um rigoroso tratamento.

A illustre senhora acha-se completamente restabelecida pelo que lhe apresentamos as nossas felicitações.

Ecos & Noticias

Não se incomodem

O «Figueirense» diz, todo ancho, que o preto vae apresentar queixa em Juizo, contra o nosso presado amigo, sr. José Miguel Fernandes David a quem ele tentou assassinar, o que deu lugar a ser-lhe instaurado um processo que agora foi arquivado.

Não se incomodem os srs. pretos que nós teremos o cuidado de fazer rever o processo.

Aquilo não fica por ali.

Em Portugal ainda ha justiça e a ultima palavra ainda não foi dada.

Esperem pois!

Hora legal

Amanhã, á meia noite, os relogios serão adiantados uma hora.

O povo para os seus negocios particulares e trabalhos agricolas, continua a regular-se pela hora antiga.

Quando porém se trate de serviço no tribunal ou outra repartição publica, terão de recorrer á hora legal para não incorrerem em qualquer falta involuntaria.

Devem pois todos adiantar os seus relogios e quando se trate de negocios meramente particulares, basta descontar uma hora. É esta a melhor forma!

Apreciando

Emquanto o «Figueirense» se presta a desempenhar o repugnante papel de desculpar um negro, que em pleno tribunal anavalhou e feriu a Republica que o mantem, nós continuamos a receber inumeras cartas, verberando o acto do negro. Não queremos dar publicidade a essas cartas, mas em face do procedimento do referido jornal, teremos que o fazer para que os nossos leitores apreciem a attitude do mesmo jornal. São as proprias pessoas que assistiram e presenciaram o revoltante ataque ao regimen, que nos escrevem protestando contra ele. Começamos, pois, no proximo numero.

É uma questão de 8 dias!

Simplex acaso?

Por occasião do julgamento do crime do Senhor Jesus, o negro pediu o processo que lhe foi instaurado por ele tentar assassinar o nosso amigo, sr. José Miguel Fernandes David, então administrador do concelho.

O processo foi-lhe immediatamente fornecido pelo respectivo escrivão, lendo então o preto o depoimento d'uma testemunha a quem em seguida insultou e para outra coisa o não pediu. Como é que o processo foi n'aquela dia para o tribunal?

Simplex acaso?

As coisas da nossa comarca estão a pedir justiça.

Ela se fará!

Prospectos

Na manhã do ultimo domingo apareceram afixados nas casas da vila, muitos prospectos, mostrando ao publico a obra nefasta e anti-republicana do actual governo.

A falta de espaço inibe-nos de publicar na integra as muitas verdades ali expostas.

Agradeçam-nos a boa vontade,

A pchicologia nacional e a influencia religiosa

A força da tradição nos paizes que outr'ora sofreram o pesado jugo clerical é de tal ordem, que nem o proprio ardor pelas lutas da Liberdade e da Democracia consegue soffrer e reprimir a superstição e o preconceito religioso arraigados nos espiritos.

Em Portugal a inquisição operou uma seleção deploravel ao sacrificio á an. sêde de dominação politica á outrance tudo quanto de mais nobre e mais alevantado existia entre os elementos intellectuaes do paizl. . . Convindo-lhe a sombra para consolidar o seu dominio o jesuitismo lançou mão do ensino estendendo um sudario tenebroso sobre os espiritos.

Sintomas degenerativos ainda hoje se observam no povo portuguez: a falta de iniciativa e de perseverança em todos os seus empreendimentos; o resignado fatalismo com que aceita todas as contrariedades do destino; a apathia por tudo quanto lá por fora está promovendo a gloriosa libertação dos povos e ainda a dôçura e comodismo com que se submete a todos os caprichos de seus dirigentes sem produtos atavicos da perniciosissima educação catolica e jesuitica em successivas gerações desde o derradeiro quartel do seculo XVI em que um rei de mente introduziu a inquisição em Portugal e outro rei, mas esse lançado pela manie das grandezas, pelo dilirio dum catequismo fanatico, ficou sepultado com a flor do exercito portuguez nos ardentos areaes d'Alcaçer-Quibir.

A reforma pombalina foi apenas um revulsivo á superficialidade: o grande Marquez de Pombal, mercê de sua férrea energia, apenas galvanizou um cadaver! . . . Desaparecida a sua veronil e intrépida personalidade da scena politica a reacção empolgou outra vez Portugal até ao surgimento de Afonso Costa.

A Revolução de Outubro de 1910 cortou o mal pela raiz com o decreto da Separação da Igreja do Estado!

Mas a reacção jesuitica nem por isso desarmou.

Imiscuindo-se na administração e na politica da Republica, os jesuitas de casaca de mãos dadas com os jesuitas de batina tramaram na sombra a destruição da obra libertadora do sr. dr. Afonso Costa.

A revolução de Dezembro foi um movimento de regressão politica até á subjeição ao dominio clerical.

O Paiz não pode receber —nem receberá— com indiferença as modificações em sentido retrogrado na lei da Se-

paração! . . . Se não reagir duma forma energica até ao restabelecimento integral da Lei de 20 de abril de 1911, as consequencias não tardarão a manifestar-se duma forma assaz perigosa, porquanto de concessão em concessão ir-se-ha até ao regresso das congregações e dos jesuitas!

O perigo paira eminente a anunciar grandes calamidades neste Paiz que parece fadado para a odysseia duma grande e fatal desventura e torna-se urgente reclamar-se contra as modificações introduzidas na lei separatista por um espirito vesânico de regressão a tempos muito ignominiosos.

O aviso ahi fica e ninguém deve esquecer o prologo:— «Quem me avisa meu amigo é».

Em trinta anos de serviço á Republica este é o mais relevante de todos porque é livre-la do maior perigo:—«o perigo do seu desaparecimento».

Fitemos os olhos na grandiosa e simpatica França.

Portugal tem de seguir o exemplo da França sob pena de regressar ao nivel dos paizes barbaros, das nações moribundas na frase de Salysburg e de Chamberlain.

24—Fevereiro

Fazenda Junior

O negro manda?!

Quando do julgamento dos individuos implicados no processo do Senhor Jesus da Sobreira, o preto disse em pleno tribunal que o processo que contra ele fora instaurado por tentar assassinar no exercicio das suas funções o então administrador do concelho, nosso presado amigo José Miguel Fernandes David, ia ser arquivado. Ele lá sabia os motivos que o levaram a fazer tal declaração; mas o que é certo é que passados uns dias, o «Figueiroense» todo arrogante vem declarar que tal processo fora arquivado!

Embora os processos em taes condições constituam segredo de justiça, parece que para o preto e para os do «Figueiroense» essas formalidades desapareceram.

Não é agora ocasião propria para apreciarmos os tramites porque tem passado este processo; mais tarde trataremos do assunto porque a todo o tempo é tempo.

Sê o processo de que se trata fosse contra algum democratico este já agora estaria em Timor, mas como se trata dum preto e o que xoso é branco. . .

Não temos o habito de nos intrometer nos atos dos magistrados judiciaes, porque se tivéssemos esse habito e a faculdade que tem o preto e os do «Figueiroense», tambem pederiamos para que fosse arquivado certo processo que ahi está pendente contra uns democraticos e com justiça o faziamos. Mas. . . sabemos esperar.

ANIVERSARIOS

No ultimo domingo passou o aniversario natalicio do nosso amigo, sr. Carlos Liborio, conceituado comerciante nesta praça.

As nossas felicitações.

Um ataque á Republica

O ataque cobarde e traiçoeiro em pleno tribunal com que o negro mimoseou a Republica, á custa de quem ele vive, pois é conservador do registo predial e hipotecario desta comarca, foi presenciado por numerosas pessoas de todas as classes sociaes que encimam a vasta sala do tribunal por ocasião do julgamento dos reus implicados no crime ocorrido no Senhor Jesus da Sobreira.

Foi ali que o negro, em voz alta e clara, na presença dos magistrados judiciaes e do sr. administrador do concelho, disse que a Republica é um regime de immoralidade; que os crimes em Portugal, aumentaram assustadoramente apoz o advento do novo regime; que os logares da Republica estavam ocupados por incompetentes, operarios, analfabetos, sapateiros, alfaiates, etc., etc., que a Republica transformou Lisboa na cidade da bomba, do terror, do assassínio, acrescentado todo arrogante que o Partido Republicano Portuguez, era o unico responsavel por este estado, atacando-o com violencia e calor.

Um individuo do norte do paiz que é monarchico, e que assistiu ao julgamento disse, alegremente, que o discurso do negro, fora um verdadeiro comicio monarchico e infelizmente tal afirmação é verdadeira.

O negro defendendo o regime monarchico, atacou com violencia a Republica e o Partido Republicano Portuguez que o colocou nesta terra.

O negro cometeu um crime gravissimo de que hade prestar contas no mesmo lugar onde o cometeu.

Apesar dos factos se terem passado tal qual como os deixamos expostos, o «Figueiroense» da ultima semana, por ordem do negro, vem declarar que tal se não deu e que nós invertemos propositalmente a ordem dos factos. Vê-se pois que o preto só depois do crime é que mediu bem a gravidade dele, pretendendo agora atenuar as suas consequencias.

O preto está no seu papel mas o que é repugnante é que o «Figueiroense» se preste a desempenhar um papel infamante a que as pessoas que estavam no tribunal começam já a fazer inteira justiça. O meritissimo juiz que ouviu as palavras soltadas pelo negro, e que amanhã terá de se pronunciar sobre o revoltante caso, já pode ir avaliando da força das testemunhas que o negro apresentará em sua defesa.

Ha males que vem por bem.

Francisco M. Fernandes David

Numa casa de saude, em Lisboa, onde ha tempos se encontrava em tratamento, faleceu no preterito domingo, o nosso amigo, sr. Francisco Miguel Fernandes David, irmão do nosso director, sr. José Miguel Fernandes David.

O extinto que contava apenas 48 anos de idade, foi vitima duma congestão cerebral que ha 13 anos o tinha inutilizado.

O nosso amigo, sr. José Miguel Fernandes David, que tinha uma grande estima pelo falecido, empregou todos os esforços para o salvar, tendo-o acompanhado a Lisboa, onde o deixou entregue a pessoas amigas e que lhe mereciam toda a confiança.

De nada lhe valeram os seus esforços e cancelas, pois que no ultimo domingo, foi-lhe telegraficamente comunicando a triste occorrença.

Apesar do estado desesperado e até deploravel em que se encontrava o querido morto, o seu passamento veiu lançar na maior consternação o nosso presado director que era um verdadeiro amigo do finado.

Sentindo a dor que o acaba de ferir aqui lhe apresentamos as nossas condolencias.

Dr. João Diniz de Carvalho

Afim de frequentar a escola de officiaes milicianos, seguiu na segunda-feira para Lisboa este nosso presado amigo.

Que em breve volte a esta vila onde os seus serviços de advogado se ficam fazendo sentir, é o que muito sinceramente desejamos.

Noticias pessoases

De visita a sua familia encontra-se no lugar do Douro o nosso amigo e assitante, sr. José Antonio d'Almeida, fiscal dos impostos em Alcobaca.

Afim de concluir o seu tratamento em Coimbra, saiu para aquella cidade, na preterita segunda-feira o nosso amigo, sr. João dos Santos Abreu, desta vila, que ali conta demorar-se 15 dias.

Que volte completamente restabelecido é o nosso desejo.

Cumprimentamos nesta vila os nossos amigos, srs. João Zuzarte, do Fato, Joaquim Fernandes Dias e Vicente Henriques Fernandes, do Carregal Cimeiro; Julio Gama e Eduardo Dias de Carvalho, de Vila Facaia; Francisco Simões Agria, do Casal; José dos Santos Matos, dos Trespostos e João dos Reis Matos, de Campelo.

De passagem para Lisboa esteve nesta vila o nosso amigo, sr. Julio Martins, de Pedrogam Grande.

Tambem aqui esteve de passagem para a mesma cidade o nosso amigo, sr. João Tomaz dos Anjos, que ha tempos se encontrava na Ameixoeira—Pedrogam Grande.

Como jurados commerciaes estiveram na preterita semana nesta vila os nossos amigos srs. Francisco Lopes David e Bernardino Antunes d'Almeida,

de Pedrogam Grande.

Tambem aqui esteve na ultima segunda feira o nosso amigo, sr. José Antunes da mesma vila.

De passagem para o Cartaxo esteve nesta vila o nosso amigo sr. Joaquim Alves Pereira, de Aldeia Fundeira.

Encontra-se ha dias em Vilas de Pedro o nosso amigo, e correlligionario sr. Manoel dos Santos, comerciante em São Braz d'Alportel.

Esteve no Troviscal de visita a sua familia o nosso amigo, sr. Manoel Henriques Lopes Nunes, importante proprietario e comerciante em Reliquias—Odmira.

Secundino B. Junior

Este nosso presado amigo, do Porto, foi ha dias brutalmente espancado pela policia, por ocasião do encerramento do Centro Evolucionista d'aquella cidade.

Secundino Branco Junior, um dedicadissimo republicano e um incansavel lutador pelo restabelecimento da liberdade, viu no encerramento d'aquella Centro um violento atropelamento á lei e manifestando o seu descontentamento por tal facto, foi cobarde e traiçoeiramente espancado pelos agentes da autoridade.

Sentindo o triste acontecimento fazemos votos para que em breve possa voltar de novo a pugnar pelo restabelecimento da liberdade que o paiz inteiro reclama e a que tem jus.

D. Maria Rosa Nunes Marques

Em Vila Facaia, na casa da sua residencia, finou-se no preterito dia 22, a sr.^a D. Maria Rosa Nunes Marques, viuva do sr. Martel Simões Marques, ali falecido ha 16 anos. A extinta que contava 67 anos de idade, era irmã dos nossos presados amigos, srs. José, Joaquim e Alfredo Nunes de Carvalho, importantes capitalistas e commerciantes em Lisboa e mãe estremosa dos srs. Albano e José Nunes Marques e das sr.^{as} D. Celeste Nunes Marques, D. Maria do Ceu Nunes Marques e D. Herminia Nunes Marques, esposa do nosso amigo, sr. Eduardo Dias de Carvalho.

O seu funeral, que teve lugar no dia seguinte, foi extraordinariamente concorrido, tendo-se nessa ocasião procedido á trasladação da ossada de seu marido, ficando depositado, num pequeno caixão no mesmo coval. Desta villa foram aquella localidade incorporar-se no cortejo funebre, os nossos amigos, srs. dr. João Diniz de Carvalho, Francisco Rodrigues Ferreira e Antonio Luiz Agria, tendo o primeiro representado o nosso amigo, sr. José Miguel Fernandes David, que por motivos alheios á sua vontade não ponde prestar a sua homenagem a querida morta.

Durante o cortejo organizaram-se varios turnos.

Sobre o feretro foi colocado uma linda coroa conduzida pelo nosso amigo, sr. Eduardo Dias de Carvalho, onde se lia a seguinte dedicatória: «Ultima e eterna recordação de seus estremosos filhos, genros e netos.»

A porta do cemiterio foram distribuidas esmolos. O bassamento da illustre senhora foi ali muito sentido. A toda a familia enlutada e especialmente a seus irmãos e nossos amigos, srs. José, Joaquim e Alfredo Nunes de Carvalho, apresentamos as nossas condolencias.

Na ultima quinta-feira, quando se dirigia para sua casa dos Covas e quando passava junto do lugar da Atalaia Cimeira, foi acometido de doença repentina succumbindo pouco depois, o sr. Guilherme Coelho Nunes. Suspeitando-se que houvesse crime, foi-lhe feita autopsia, averiguando-se d'ela que a morte foi natural. O infeliz era solteiro e era muito estimado no seu lugar, pelo que ali deixava viva saudade. A toda a familia enlutada e em especial a seu cunhado, nosso amigo sr. Joaquim Coelho Nunes da Silva, apresentamos os sentidos pesames.

Morte repentina

Na ultima quinta-feira, quando se dirigia para sua casa dos Covas e quando passava junto do lugar da Atalaia Cimeira, foi acometido de doença repentina succumbindo pouco depois, o sr. Guilherme Coelho Nunes. Suspeitando-se que houvesse crime, foi-lhe feita autopsia, averiguando-se d'ela que a morte foi natural. O infeliz era solteiro e era muito estimado no seu lugar, pelo que ali deixava viva saudade. A toda a familia enlutada e em especial a seu cunhado, nosso amigo sr. Joaquim Coelho Nunes da Silva, apresentamos os sentidos pesames.